

O Christianismo

JORNAL RELIGIOSO

FÊ

ESPERANÇA

CARIDADE

<i>Assignatura</i>	<i>Director—Manoel Lopes Guilherme</i>	<i>Annuncios</i>
Ovar (anno)..... 600 reis	Proprietario e Adm. ^{or} — <i>Placido Augusto Veiga</i>	Por cada linha..... 50 reis
Pelo correio..... 700 »	Composição e impressão, Typ. «Ovarense»	Repetição..... 25 »
<i>Redacção e Administração, R. da Graça—Ovar</i>	—* Rua da Graça—OVAR *—	<i>Acceta-se collaboração desde que seja religiosa.</i>

Soffrimento e Resignação

O soffrimento é um beneficio.

Bemdigamol-o. Elle é tão necessario para o nosso progresso moral, para aperfeiçoamento do nosso espirito, como certos medicamentos amarissimos, repulsivos, ou certas operações dolorosas são indispensaveis à restauração da saude. E' só á custa de padecimentos e trabalhos que o homem progride. Quem sofre, sóbe. A cruz está erguida n'um cimo. Quem ascende ao Calvario, app: oxima-se do Cèo. A cruz com sua simplicidade está acima de todos os thronos revestidos de purpura e ouro.

O resplendor que encima o infamante madeiro—symbolo do soffrimento, é formado pelas fulgurações que descem do Cèo, dos olhos Divinos, cujos lampejos vem suave e perennemente aquecer as almas que tiritam no gelo da desgraça! O aureo fulgor dos diademas e da tiara, embutidos de pedras preciosas, è terrestre e ephemero.

O soffrimento é o unico e efficaz medicamento para neutralisar o mais corrosivo toxico do coração humano, isto è, o orgulho, que tão perfeitamente está symbolisado na ficticia mas energica e expressiva

creação do Anjo decahido pela soberba, do Paraiso celeste e arremessado no barathro infernal!

Não amaldiçoemos o soffrimento, que extirpa de nossa alma o cancro do orgulho.

Quando a dôr nos excruciar, quando as tempestades moraes nos abalarem o ser com os seus açoutes crudelissimos, com os seus raiosfulminantes, procuremos então para nossa alma uma defeza, um baluarte energico, o precioso isolador chamado resignação. E acolhidos n'esse mirante de crystal, veremos impunemente, a borrasca desenfrear-se em derredor de nós, e, extincta a pavorosa tempestade, lobrigaremos reflectir-se na diaphaneidade do firmamento profundo, a bondade infinita de Deus que, como Pae amoroso, nos castiga sem vingança, tendo sómente em mira o nosso aproveitamento, o nosso progresso espirital, a nossa felicidade futura!

Amemo-nos—homens e nações—isto è, exerçamos a caridade mutua, interindividual e internacional, e os soffrimentos que nos affligem ir-se-hão dissipando como por encanto, e, no futuro, o nosso planeta deixará de ser um mundo de expiações, uma penitenciaria no meio d'immensidade, para se transformar em um orbe de delicias, em um horto de felicidades paradisiacas!

Façamos desaparecer as feras

do odio e da vingança! Sulquem a atmosphera da sociedade mundial as azas candidas da pomba da Harmonia, da Concordia e da Paz!

Em vez do rugido da Vingança, deleitem-nos o ouvido os arrulhos suavissimos do Amore do Perdão!...

Dr. Fernando de Alencar.

O Santo Sacrificio

IV

Porque são offerecidos sacrificios ao Senhor?

Em sentido geral entende-se por sacrificios tudo o que fazemos para honrar a Deus, isto é, as virtudes exteriores e interiores; é d'aqui que o sacrificio é *interior* e *exterior*. O *interior* consiste em tributar a Deus no nosso coração aquella summa veneração que lhe é devida pela sua infinita excellencia, em reconhecer-o como nosso soberano Senhor e em protestar e confessar na nossa alma a sua infinita superioridade e o nosso nada. O *exterior* consiste em manifestar estes mesmos sentimentos interiores.

Esta manifestação tem-se feito, geralmente, offerecendo a Deus parte dos nossos bens, e sacrificando-os por meio dos seus ministros; isto é: destruindo-os, ou totalmente, ou d'algum modo, para protestar ou declarar com esta destruição o soberano dominio do Senhor sobre tudo o que somos e temos, e a nossa absoluta sujeição à sua soberania.

Esta é a razão de offerecer sacrificios ao Senhor; e isto é, como comprehenderás, um dever natural do homem. Este dever tem-se cumprido, já d'uma maneira pura, já d'uma supersticiosamente, por todos os homens e em todos os tempos, e sempre tem sido considerado o sacrificio como o

mais assencial do culto. Cain, Abel, Noé, Abrahão, Isaac e Jacob, offereceram já sacrificios ao Senhor, e egualmente nos tempos posteriores e em todos os tempos, como já vos disse.

Nos tempos antigos, os sacrificios eram de tres classes. De *animas* (ovellas, carneiros, cordeiros, vaccas, bezerras, rô-las, pombas, etc.); de *fructos da terra* (mólhos de espigas, trigo em grão, farinha de trigo e de cevada, pães azymos e fermentados, incenso, aromas e perfumes) e de *liquidos*, (vinho, azeite, sangue e libações). Havia differença no modo de offerecel-os, e chamava-se *holocausto* quando se queimava ou consumia tudo o que se offerecia (exceptuando a cabeça, nos animas.) O *holocausto* tinha por fim demonstrar a perfeita submissão a Deus, reconhecer o seu absoluto dominio sobre nós e sobre nossos bens. Este era o principal dos sacrificios, e foi chamado tambem sacrificio de louvor e de adoração, e era o mais frequente de todos elles. O summo sacerdote devia offerecer um cordeiro em holocausto todas as manhãs ao nascer do sol, e todas as tardes às tres horas, annunciando já desde então diariamente o sacrificio do altar e do Calvario.

N'outros sacrificios se queimava ou consumia uma parte somente d'aquillo que se offerecia, e recebiam diferentes nomes segundo o fim com que eram offerecidos. No sacrificio pacifico, chamado tambem de acção de graças e de propiciação segundo se offerecia com o fim de dar graças por algum beneficio já recebido, ou para conseguir de Deus alguma graça ou favor, derramava se em redor do altar o sangue do animal que se sacrificava, como em holocausto: mas só uma parte do animal era queimado, e da outra parte que se reservava, tomava o sacerdote e aquelle que offerecia o sacrificio, e tambem a sua familia. Esta participação na carne do sacrificio indicava e significava a intima união d'aquelle que offerecia o sacrificio com Deus. Os sacrificios de expiação, chamados tambem de reconciliação ou sacrificios pela culpa, eram offerecidos para pedir a

Deus misericórdia, perdão dos peccados e purificação das manchas contrahidas.

Continua.



Obras de Misericórdia

—=—

Corporaes

1.^a

Dar de comer a quem tem fome—é justo dar metade do pão que Deus nos deu; só a dextra que o dá sabe-o deve, e sabe-o nosso Pae que está no Ceo.

2.^a

Dar de beber a quem tem sede—é santo esse dever. Irmão cumpri-o bem; ao sedento apague o ardor da sede, e a sede de justiça a quem a tem.

3.^a

—Vestir os nus—quem tenha dois vestidos deve ao pobre cobrir sua nudez; é preceito do Pae, deveis cumpril-o, é santa lei de amor. Jesus a fez!

4.^a

—Visitar os enfermos e os presos—como um raio de sol que Deus envia, levando as chagas d'alma e as do corpo, abrindo em funda treva a luz do dia.

5.^a

—Dar pousada e abrigo—em noite escura a quem vive entre as pedras d'um caminho, á creancinha, ao velho, ao desgraçado. é dever que dá paz ao proprio ninho.

6.^a

—Remir—é resgatar almas escravas do vicio, do peccado, e da descrença; banhar-lhe o coração n'um amor santo, abrir-lhe os olhos d'alma á luz immensa.

7.^a

—Enterrar os defuntos—cujas almas já deixaram os corpos, é dever dos que ficam ainda n'este mundo, nas luctas de esta vida a padecer.

—

Espirituaes

1.^a

—Dar bom conselho—a quem andar perdido é mostrar-lhe o caminho da virtude, lembrando-lhe o dever esquecido, e os laços com que o vicio domina, e ao fraco illude.

2.^a

—Ensinar quem não sabe—é dom piedoso, ensinar quem não sabe é dar a luz a cegos. Ensinae o que o mestre o disse nas ancias torturantes de uma cruz.

3.^a

—Consolar—dar allivio aos que são tristes —com palavras que vem do fundo d'alma— é um dever sagrado; enxuga o pranto, dá força, tranquillisa: a dôr acalma.

4.^a

—Castigar os que erram—com justiça é preceito que cumpre á Divindade; prefiro á mão austera que castiga a doce voz da santa caridade.

5.^a

—Perdoar as injurias—esquecendo as offensas que de outrem recebeu,

manda o Christo: bem haja quem perdôa,
sente n'alma os jubilos do Céu!

6.^a

—Soffrer com paciencia e resignado
as fraquezas do proximo—ha-de achar
na sua consciencia a luz divina
o que assim proceder, pois sabe amar!

7.^a

—Rogar a Deus—por quem no mundo vive,
rogar a Deus por quem no mundo aneia,
pelas almas que livres já da carne,
já da carne quebraram a cadeia.

por quem soffre as agruras do martyrio,
seja embora inimigo ou seja irmão,
no mar, na terra, ou n'esse espaço immenso
implorar o bom Deus n'uma oração.

Emilia Pomar de Souza Machado.

O homem e a mulher

O homem é a mais elevada das creaturas. A mulher, o mais sublime dos ideaes.

Deus fez, para o homem, um throno, para a mulher, um altar. O throno exalta; o altar santifica.

O homem é o cerebro; a mulher o coração. O cerebro produz a luz; o coração produz o amor. A luz fecunda; o amor ressuscita.

O homem é o genio; a mulher o anjo. O genio é immensuravel; o anjo é indefinivel.

A aspiração do homem é a suprema gloria; a aspiração da mulher é a virtude extrema. A gloria produz a grandeza, a virtude produz a divindade.

O homem tem a supremacia; a mulher a preferencia. A supremacia representa o direito.

O homem é forte pela razão, a mulher é invencivel pelas lagrimas. A razão

convence, as lagrimas commovem.

O homem é capaz de todos os heroismos; a mulher de todos os martyrios. O heroismo ennobrece; o martyrio sublima.

O homem é um codigo, a mulher um evangelho. O codigo corrige; o evangelho aperfeiçoa.

O homem é um templo; a mulher um sacrario. Ante o templo descobrimo-nos; ante o sacrario ajoelhamo-nos.

O homem pensa; a mulher sonha. Pensar é ter um cerebro; sonhar é ter na frente uma aureola.

O homem é um oceano, tem a pérola que o embelleza; o lago a poesia que o deslumbra.

O homem é a aguia que voa; a mulher o rouxinal que canta. Voar é dominar o espaço; cantar é conquistar a alma.

O homem tem um fanal:—a consciencia; a mulher uma estrella:—a esperanza. O fanal guia; a esperanza salva.

Emfim, o homem está collocado onde termina a terra, a mulher onde começa o céu.

Victor Hugo.

De visita ao collegio das Dorotheias, esteve na terça feira ultima em Ovar o sr. Bispo do Porto D. Antonio Barroso. Sua rev.^{ma} ministrou ali a communhão ás creanças do mesmo collegio e deu crisma ás pessoas que a desejaram. Foi muito cumprimentado, vendo-se alli todo o clero da nossa villa com o seu digno abbade á frente.

Retiron ao Porto no comboio da tarde.

D'aqui saudamos o nosso Prelado pela sua estada em Ovar.

Por ter havido desarranjo na machina não poudo sair o «Christianismo» no domingo passado. Mas como os srs. assignantes pagam por numeros e não por prazo fixo, não ficam por isso lesados. Mas como manda a boa cortezia, d'essa falta se pede desculpa.